

Avá-Canoeiro

Eles só querem viver

Silvana Bittencourt

Iawi abriu os dedos das mãos, colocou-as junto aos pés e repetiu a operação várias vezes para expressar através de gestos e de seu precário português quantos morreram na chacina de que foi vítima seu povo, assistida pelo índio quando era apenas um garoto de 7 anos. "Morreu tudo, tudo. Foi homem bravo". Ele e outros 12 Avá-Canoeiro, já contactados pelo branco, podem ser os últimos de uma tribo massacrada ao longo de décadas, heróicos sobreviventes da fome, da solidão de matas inóspitas, dos ataques de fazendeiros e posseiros.

A paz que vêm perseguindo durante toda sua existência ainda parece distante, embora estejam agora assentados em área interdita pela Funai, e tenham conquistado convivência amigável com pelo menos alguns brancos. Suas terras, entretanto, guardam cobiçadas riquezas minerais e pela segunda vez atraem garimpeiros aos barrancos do Rio Maranhão, que corta a reserva, na caça ao ouro. Entre serras e florestas, a aldeia dos Avá - no município de Minaçu - localiza-se a cerca de 10 quilômetros da futura Usina de Serra da Mesa, em cujo cantei-

Uma vida de perambulação e fugas

Nas suas experiências dramáticas com o homem branco, os Avá-Canoeiro desenvolveram uma resistência surpreendente para longas caminhadas e habilidade extraordinária para fugas, sem deixar vestígios. Eles perambulam pelas matas incessantemente, rondam fazendas sem ser vistos, matando animais e pilhando roças para se alimentar, empreendendo em seguida nova peregrinação sem destino na tentativa de escapar às perseguições. Foi assim com o grupo de Iawi - hoje reduzido ao índio e mais três mulheres - que sobreviveu da matação na Mata do Café, município de Campinaçu, e certamente está sendo assim com outros Avá-Canoeiro arredios, de quem esporadicamente se tem notícias, nunca efetivamente confirmadas.

Ninguém sabe precisar onde estes índios não contactados podem estar circulando hoje ou mesmo se eles continuam vivos, pois as informações e indícios de sua passagem tornam-se cada vez mais

escassos. "As últimas notícias concretas sobre os arredios são de quatro ou cinco anos atrás", afirma o superintendente substituto da Funai, Thomaz Volney de Almeida. Mas pistas importantes já foram encontradas pelos pesquisadores na região dos formadores do Rio Tocantins, nas proximidades de Minaçu, como restos de uma casa e um pilão escavado em tronco, locais de roça com plantações de mamão e tabaco, abrigos e formações naturais, como grotas e cavernas, tradicionalmente utilizadas pelos índios para arranhamento. Por isso a aldeia dos Avá-Canoeiro às margens do Rio Maranhão, na região de Serra da Mesa, onde vive o grupo de quatro remanescentes da Mata do Café - contactados há cinco anos - e outros oito índios trazidos da aldeia de Canoanã, da Ilha do Bananal, é considerada uma frente de atração para tentar aproximar os arredios.

DINAMITE

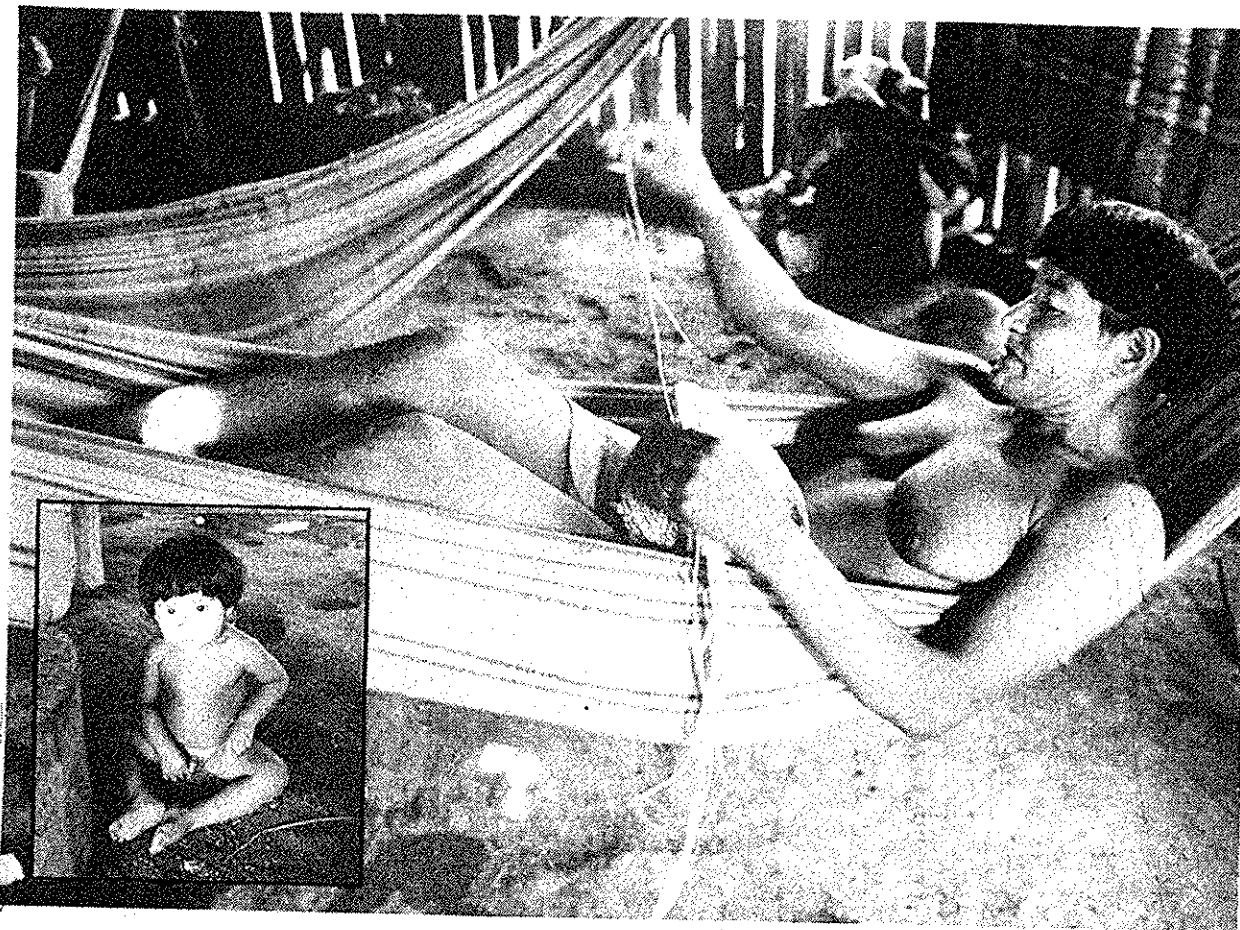
A vizinhança do local com as

ro de obras os índios recentemente contactados buscam comida e se familiarizam com os 2 mil 500 funcionários da hidrelétrica, adquirindo hábitos e costumes alheios, num processo acelerado de deterioração de sua cultura secular.

Cercados pela sociedade moderna, o reduzido grupo ainda resiste em busca da tranquilidade, e começa a mostrar sintomas de que recupera a segurança destruída nos massacres. Depois de anos de aborto compulsório, em que as mulheres comprimiam o próprio útero para estrangular seus fetos - temendo que crianças viessem a atrapalhar a rotina de fugas dos remanescentes, denunciando-os através do choro, ou que acabassem sendo também assassinadas - uma nova geração de Avá-Canoeiro desponta, introduzindo sangue novo em um povo à beira do desaparecimento. Agora que o pequeno Trumak completa 2 anos de idade, sua mãe Tuia aproxima-se do sétimo mês de gravidez. Mas as marcas do trauma continuam visíveis até mesmo nos hábitos alimentares da tribo que, apesar de cultivar arroz, milho, abóbora e outros produtos, ainda come morcegos e ratos cozidos, resquícios de um passado de fome e sofrimento.

obras da Usina de Serra da Mesa, no entanto, com detonações constantes para derrocamento de rochas, pode estar afugentando este grupo assustado, que conhece apenas experiências traumáticas com a "civilização". Vez por outra surgem algumas informações pouco confiáveis, relata o auxiliar geral do posto indígena da frente de atração, Sinval Jesus da Rocha. "Alguém diz que outro viu um índio em determinado lugar". No mês passado, por exemplo, surgiram notícias na região do Rio Preto, afluente do Tocantins, a cerca de 100 quilômetros da aldeia, uma área mais tranquila onde a presença humana é pouco frequente.

Alguns posseiros também garantem já terem sentido cheiro de tabaco na vizinhança de suas casas, ou dado falta de mamões e espigas de milho nas roças. Contudo, ninguém sabe nem mesmo garantir quantos são e o índio Iawi assegura que não existem outros grupos no mato.



Yosikazu Maeda

Paz é o objetivo maior de uma nação indígena que deseja cicatrizar feridas de um passado traumático. Todos trabalham, como Naquatcha, que prepara cestos enquanto Trumak (foto menor) brinca e traz muita alegria

Aborto reprime procriação

Antes da família de oito índios da aldeia de Canoanã ser levada à frente de atração em Minaçu (apenas um permaneceu na Ilha do Bananal), há um ano, havia ali somente os quatro que fugiram da Mata do Café: Iawi, com 25 a 26 anos aproximadamente, e suas três mulheres - Tuia, 19, Matcha, 40 a 42, e Naquatcha, 35. Logo depois que chegaram, em 1983, sofriram sucessivas crises de gripe, contraída do primeiro contato com o branco, e mostravam-se famintos, alimentando-se com cachorro assado, morcegos, ratos ou o que mais estivesse acessível. As índias não aceitavam a concepção, dizendo que "homem mata" e estrangulavam o feto no útero assim que este começava sua formação.

Foi preciso provar que eles então estavam em segurança para que Tuia concordasse em gerar Trumak, possivelmente a primeira criança a nascer depois de quase duas décadas de aborto compulsório. "Ela me perguntava se nós não deixaríamos o homem matar, se daríamos roupa para o bebê", conta Luzia Fernandes, mulher do auxiliar do posto, Sinval Jesus, uma das primeiras pessoas a ter contato com o grupo. Luzia e Sioval viviam em um barracão dentro da área indígena e constantemente se deparavam com o desaparecimento de utensílios de cozinha, alimentos, produtos da plantação, e às vezes divisavam um clarão de fogo no pé da serra. "Eu chegava na roça e ainda tinha nódoa de banana pingando", lembra Sinval. Uma prova concreta de que o grupo ron-

dava a casa é o caldeirão de Luzia que até hoje é utilizado por Iawi em sua oca. "Quando eu mostro a panela e falo que era minha Iawi ri muito", conta a mulher.

CONTATO

O primeiro a encontrar os quatro índios foi Reginaldo Silva, filho de um fazendeiro local, que voltava da caça e ouviu um barulho na mata. Eram Iawi, Matcha, Naquatcha e Tuia que resolveram se aproximar do branco, depois de perceberem que os moradores da redondeza não os perseguiriam por levar seus alimentos. Logo depois Luzia foi ao contato dos índios que a abraçaram, acariciaram seus cabelos, como se já a conhecessem há muito. "Parecia que eles pediam socorro", lembra. Na verdade, os índios realmente conheciam a mulher, pois a observavam furtivamente entre o mato, como hoje relatam: "Luzia bonita", falam, imitando a expressão de susto da mulher.

O carinho e hospitalidade são as características do grupo de Iawi, e também da família de Tutau, contactada em 73, e remanejada da Ilha do Bananal para a frente de atração em Minaçu. Agora os brancos que quase fizeram seu povo desaparecer são recebidos com abraços apertados e carícias. Mesmo trabalhando o tempo todo, para garantir alimentação a suas três mulheres e ao filho Trumak, Iawi preocupa-se em conseguir uma caixa qualquer, onde guarda gordura de porco, para as visitas sentarem, e em mostrar-lhes orgulhoso a plantação de arroz.